

Quadrinhos na Biblioteca Escolar: o Caso Dom Quixote

Comics in the School Library: the Don Quixote Case

Anderson Teixeira Rolim^{a*}; Marcelo Silvio Lopes^b; Marina Ambrozio Galindo Rolim^c

^aUniversidade Norte do Paraná, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias. PR, Brasil.

^bUniversidade Norte do Paraná. PR, Brasil.

^cColégio Integrado S.M. PR, Brasil

*E-mail: anderson.rolim@unopar.br.

Recebido em: 08/09/15. Aprovado em: 15/12/15

Resumo

Pautado pelo cenário de valorização dos quadrinhos, mais especificamente das adaptações literárias, o presente trabalho busca observar alguns casos de transposição da literatura para a HQ, considerando aspectos editoriais, estéticos e linguísticos, para apontar as perspectivas pedagógicas que elas suscitam. Designadamente, verifica versões em quadrinhos da obra máxima de Miguel de Cervantes, Dom Quixote, por meio da análise dos elementos intrínsecos ao ensino de literatura. Como resultado, esboça um panorama das adaptações literárias em quadrinhos no Brasil, suas coleções, edições e editais. Nesse sentido, este trabalho tem natureza bibliográfica, com base em documentação indireta, por meio do material especializado acerca do tema proposto.

Palavras-chave: Literatura. Histórias em Quadrinhos. Leitura. Dom Quixote.

Abstract

Guided by present valuation of comics, more specifically of literary adaptations, this paper seeks to observe some cases of literary translation into comics considering editorials, aesthetic and linguistic aspects, in order to point out the pedagogical perspectives they raise. In particular, it checks comic versions of Don Quixote, by the analysis of intrinsic elements to the literature teaching. As a result, it outlines a panorama of literary adaptations in comics in Brazil, its collections, editions and issues. In this sense, the work has bibliographical approach based on indirect documentation, through specialized material on the proposed theme.

Keywords: Literature. Comic Books. Reading. Don Quixote

1 Introdução

Em novembro de 2015, foi realizada a nona edição do Festival Internacional de Quadrinhos, sediado em Belo Horizonte, Minas Gerais. O evento ganhou destaque na imprensa nacional e é comparável, em volume de público e diversidade de atrações, ao *Comic Con Experience* (CCXP), que engloba diferentes áreas de interesse, desde os quadrinhos, até as séries de TV, cinema e, como parte essencial do *zeisgeist*, os *games*.

A valorização midiática das histórias em quadrinhos HQ é um índice de sua aceitação definitiva nas práticas de leitura do século XXI. A inclusão da arte sequencial no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), a partir de 2006, deu relevo a uma realidade que já se verificava nos exames vestibulares e concursos públicos: assim como a crônica literária, diária e efêmera, as histórias em quadrinhos têm, potencialmente, as mesmas capacidades expressivas que caracterizam as grandes obras da herança cultural que baliza a humanidade. Por isso mesmo, representam os anseios, medos, desejos e alegrias da experiência humana.

Com verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e em parceria com a Secretaria de

Educação Básica do Ministério da Educação, o PNBE objetiva a promoção da leitura por meio da criação de bibliotecas escolares, em escolas e centros de educação infantil, das redes federal, estadual e municipal. Desde 1997, o programa distribui acervos com obras de literatura, pesquisa e referência, contemplando, em anos alternados, obras direcionadas aos diferentes níveis da educação básica (BRASIL, 2006). O objeto do edital de 2006 do PNBE anunciava

a convocação de titulares de direito autoral para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras de literatura para composição de acervos voltados para leitores das séries finais do Ensino Fundamental, a serem distribuídos às escolas públicas que oferecem esse segmento de ensino (BRASIL, 2006, p.1).

Assim, com o intuito de democratizar o acesso à informação, por meio do PNBE, como resultado apenas do edital de 2006, foram distribuídos mais de sete milhões de livros indicados para as últimas séries do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), em quarenta e sete mil escolas brasileiras. O investimento anunciado ultrapassava quarenta e cinco milhões de reais e pretendia atender a treze milhões e meio de alunos, com a distribuição de noventa e seis mil acervos, compostos de três diferentes conjuntos de obras, com setenta e cinco

títulos cada uma delas.

Yamaguti (2014) dá notícia de que, em 2006, das mais de duzentas obras selecionadas pelo programa, onze eram de histórias em quadrinhos, atendendo à chamada de “livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos” (BRASIL, 2006, p.2). Como destaque dessa seleção, é necessário indicar Toda Mafalda, de Quiño e Santô e os Pais da Aviação, de João Spacca de Oliveira. O primeiro porque representa a solidez expressiva de um quadrinista internacionalmente famoso. O segundo porque inova no tratamento da história e dá luz à figura de Santos Dumont e aos episódios que marcam o desenvolvimento do aparelho mais leve que o ar.

Como resultado da especificação conforme determinado na composição dos acervos, foram selecionadas três “obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas ao público jovem” (BRASIL, 2006, p.2), a listar: Dom Quixote, de Cervantes, A metamorfose, de Kafka, e Contos em quadros, que reúne adaptações de obras de Machado de Assis, João do Rio e Antônio de Alcântara Machado.

De acordo com Yamaguti (2014), até o fim de 2014 o total de adaptações literárias contempladas em editais do PNBE já somava vinte e dois títulos. São adaptações de obras notadamente canônicas, como Os Lusíadas, de Camões, Frankenstein, de Mary Shelley e O beijo no asfalto, de Nelson Rodrigues, que transitam por diferentes gêneros literários, do épico ao romance, até a dramaturgia.

O PNBE é o maior programa já implantado no Brasil com o objetivo de promover a leitura. O esboço geral até aqui é bastante positivo e alinha-se ao que é verificado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Se umas das principais características dessa avaliação é a aproximação das questões com os temas do cotidiano, a presença constante de imagens nas diferentes versões da prova reitera essa perspectiva. Desde a sua criação, à parte os gráficos e tabelas com expressões numéricas (figuras geométricas, vetores, estruturas químicas etc.), em média, um quinto das questões do ENEM utilizam imagens (tirinhas, charges, fotos etc.). Ramos (2004, p.65) também dá notícia do uso de HQ em concursos públicos:

As histórias em quadrinhos também passaram a ser utilizadas e ganharam espaço em muitos livros didáticos. Até os exames vestibulares (a UNICAMP constantemente usa quadrinhos em suas questões) e o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) se apropriaram do recurso. No concurso que selecionou docentes para a rede estadual de ensino de São Paulo, realizado em 2003, também havia uma questão com o tema.

Desse modo, ao evidenciar o uso de HQ em seleções variadas, Ramos (2004) aponta para a sociedade da imagem que caracteriza o início do século XXI. Associada ao universo do consumo por meio da publicidade e da propaganda, a onipresença da imagem tornou-se a tônica da atração pela informação. A cultura da imagem dispõe de meios diversos, da televisão ao smartphone, a composição imagética atrai e apoia a significação de textos multimodais (FRIDMAN,

1999). É desse contexto midiático que advém a perspectiva governamental de que os quadrinhos são importante ferramenta no estímulo à leitura, pois exercem atração pelas imagens que conduzem as narrativas ali engendradas e, concomitantemente, acarretam contato com o texto escrito.

Pautado por esse cenário de valorização dos quadrinhos, especificamente das adaptações literárias, o presente trabalho busca observar alguns casos de transposição da literatura para a HQ, considerando aspectos editoriais, estéticos e linguísticos, para apontar as perspectivas pedagógicas que elas suscitam. Designadamente, verifica versões em quadrinhos da obra máxima de Miguel de Cervantes, Dom Quixote, por meio da análise dos elementos intrínsecos ao ensino de literatura. Como resultado, esboça um panorama das adaptações literárias em quadrinhos no Brasil, suas coleções, edições e editais. Nesse sentido, este trabalho tem natureza bibliográfica, com base na documentação indireta, por meio do material especializado acerca do tema proposto.

2 Desenvolvimento

2.1 Quadrinhos e a sociedade da imagem

É corriqueira a indicação de que a origem das histórias em quadrinhos, assim como de outros gêneros da arte pictórica, remonta às pinturas rupestres. A afirmação indica a similaridade entre desenhos separados por até quarenta mil anos, capazes de suscitar contextos sociais e históricos tão distintos. Mais ainda, a analogia também pressupõe que, na pré-história, os seres humanos já apresentavam capacidade cognitiva, artística e simbólica similares à do homem na modernidade (PALLESTRINI, 1969).

Neste panorama, a ascensão da sociedade industrial põe a imagem na ribalta. Das cavernas às revistas impressas, é no século XIX que os desenhos ganham nova dimensão social. O barateamento dos meios de impressão dá suporte à popularização dos desenhos como elementos da imprensa. Nesse contexto, a referência mais comum para o surgimento da HQ é Richard Felton Outcault e suas tirinhas da série *Hogan's Alley*, publicadas no jornal *New York World*, dirigido por Joseph Pulitzer, em 1895 (TEIXEIRA, 2001). O sucesso comercial de Outcault é um fator decisivo para essa afirmação, pois muitas experiências similares surgiram naquele período. No Brasil, o precursor dos quadrinhos é Angelo Agostini que, em 1869, publicou *As Aventuras de Nhô Quim* ou *Impressões de Uma Viagem à Corte* (AGOSTINI; CARDOSO, 2002). Bastante adequado ao gosto brasileiro, o tema aproxima-se da comédia de costumes que caracteriza a dramaturgia nacional oitocentista: as desventuras de um jovem do interior de Minas Gerais em sua visita ao Rio de Janeiro.

Tico-Tico é a primeira revista brasileira designada especificamente para crianças. Sua estreia, em 1905, marca a introdução do padrão editorial de Outcault na imprensa nacional. Seu personagem mais famoso, Chiquinho, era uma adaptação do *Yellow Kid*, de *Hogan's Alley* para a realidade

brasileira (DE AZEVEDO, 2005). Por sua vez, *Mirim*, a primeira revista em quadrinhos brasileira, surgiu em 1939, já em formato *comic book*. Seu criador, Paulo Adolfo Aizen, foi responsável pela introdução dos quadrinhos estadunidenses no mercado editorial brasileiro, com a tradução de títulos como *Flash Gordon*, *Dick Tracy*, *Tarzan* e *Mandrake* (GONÇALO JÚNIOR, 2004).

Somadas à charge política que caracterizava os periódicos daquele contexto, as revistas em quadrinhos ganharam força a partir da década de 1930. Nesse mesmo momento, surge também Mickey Mouse, personagem de Walt Disney que se tornaria um ícone dos quadrinhos e da cultura popular que os orbita. O trabalho de Will Eisner é fundamental para a construção de uma linguagem própria das HQ. Merece menção o fato de o artista ser, ele mesmo, o autor de uma obra de referência acerca da linguagem dos quadrinhos (SCHUMACHER, 2013). Em *Quadrinhos e Arte Sequencial*, originalmente publicado em 1985, Eisner define a multimodalidade que permeia a HQ:

a configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço mental (EISNER, 1999, p.8).

A descrição de Eisner dá atenção especial às competências necessárias à leitura das histórias em quadrinhos, assinalando a intersecção entre os domínios da arte pictórica e da literatura. Essa afirmação reitera a perspectiva de que a HQ é um facilitador para a introdução prazerosa à leitura, uma vez que exige habilidades de leitura análogas à da literatura canônica.

A forma narrativa dos quadrinhos é resultado da integração da linguagem verbal com a linguagem não verbal, garantindo-lhe potencialidade criativa e comunicativa. Assim como o arranjo lexical na literatura remonta ao uso das palavras no contexto em que são produzidas, a imagem nos quadrinhos está associada aos textos imagéticos que caracterizam o seu meio de criação. A aproximação com o signo linguístico é evidente e é essa semelhança nas capacidades significativas que constitui a imagem como linguagem, socialmente determinada (CIRNE, 1972).

Assim como na arte escrita, a leitura de uma HQ deixa perceber as questões de ideologia que a condicionam. Tanto na literatura quanto nos quadrinhos exige-se do leitor um conhecimento de mundo capaz de decodificar os elementos socialmente estabelecidos que eles possam transmitir. Desta maneira, os universos do ícone e do verbo integram-se na constituição de um novo padrão de composição simbólica: enquanto a linguagem escrita encaminha a narrativa, mormente, por meio de diálogos e pela descrição onomatopéica das cenas, o código imagético ocupa-se da construção do espaço, das personagens, e da distribuição de planos que, em

conjunto, compõem a mensagem (CIRNE, 1972).

O arranjo multimodal que caracteriza as histórias em quadrinhos indica que os quadrinhos podem ser tomados como produtos culturais dotados de intenção estética e capazes de promover o diálogo acerca dos mesmos tópicos universais que caracterizam a literatura canônica (TAVARES, 2013). Como resultado da variação temática e do desenvolvimento de nichos específicos, as HQs têm grande alcance de público e são apropriadas à divulgação das questões culturais que permeiam a sociedade da imagem e suas perspectivas.

2.2 A literatura em quadros

A relação original entre HQ e literatura motivou as adaptações, versões e recriações literárias para o formato dos quadrinhos. Em novembro de 2014, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou uma entrevista com Renata Farhat Borges, diretora editorial da Peirópolis, afamada por suas adaptações literárias para o formato de quadrinhos, acerca do interesse do mercado editorial em adaptações literárias. Nela, Borges dá alguns motivos para adaptar uma obra literária para quadrinhos. Segundo a editora, as adaptações são necessárias

Para conquistar outros leitores para esta obra, para abrir seu sentido para a contemporaneidade, para oferecer leituras renovadas sobre mitos, personagens ou enredos que se tornaram clássicos e sobre os quais as atuais gerações jamais se debruçaram – porque não conhecem, porque nunca foram estimuladas a isso, porque não encontraram o caminho mais aprazível (RODRIGUES, 2014).

Neste intento, Borges reforça o sentido geral de que os quadrinhos funcionam como mecanismo de acesso ao capital cultural da humanidade, por meio da renovação da linguagem que eles impõem (RAMOS, 2009). Do mesmo modo, as adaptações seriam responsáveis pela atualização dos elementos clássicos considerados, muitas vezes, impenetráveis pelos leitores mais jovens, constituindo via aprazível ao capital cultural exigido nos exames vestibulares tornando-se capazes de sensibilização para a arte em geral.

A mesma editora também menciona uma das primeiras experiências com adaptações da literatura universal, a coleção *Classics Illustrated*, traduzida no Brasil pela Editora Brasil-América Limitada (EBAL), dirigida por Paulo Adolfo Eizen. A coleção original, criada em 1941 por Albert Lewis Kanter, nos Estados Unidos, tinha outro título: *Classics Comics*. A intenção didática da coleção se verifica nos paratextos que compõem os volumes, como perfis dos autores, sequências didáticas etc. Nessa primeira fase, foram publicados *O Conde de Monte Cristo* e *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, e *O Último dos Moicanos*, de James Fenimore Cooper (BARBOSA, 2006). O nome da coleção foi alterado em 1947 e continuou as adaptações de clássicos da literatura universal até 1962, quando questões relacionadas aos direitos das obras e sua classificação tributária impediram seu prosseguimento. É necessário mencionar que, apenas entre 1941 e 1962, a coleção já tinha vendido mais de duzentos milhões de livros,

assinando o impacto que exerceu no meio editorial pela criação de interesse e demanda para adaptações no mundo todo (DE AZEVEDO; CAMARGO; SACCHETTA, 1997).

A despeito da caracterização particular da coleção *Classics Illustrated*, que remonta ao cronotopo em que surgiu, é inegável sua similaridade com as novas coleções brasileiras de adaptações literárias para os quadrinhos, especialmente, pela constatação de que todas elas assumem a finalidade pedagógica de introduzir novos leitores aos temas da literatura canônica.

No cenário apresentado, algumas coleções recebem destaque: Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos e Coleção Literatura Mundial em Quadrinhos, da Editora Escala, Coleção Clássicos em HQ, da editora Peirópolis, Coleção Grandes Clássicos em Quadrinhos, da editora Del Prado, a coleção Clássicos em Quadrinhos, da editora Ática, e a série Clássicos da Literatura em Quadrinhos, da editora L&PM. Além desses, é importante mencionar selos editoriais especializados em HQ, como a coleção Barricada, da editora Boitempo. Ademais, já é possível verificar a especialização em obras de autores clássicos, como a coleção Shakespeare em Quadrinhos, publicada pela Editora Nemo.

As coleções que concentram as adaptações literárias em HQ da Editora Escala contam vinte e dois títulos. Dentre eles, apenas três são estrangeiros: Contos de Tchekhov, Dom Quixote, de Cervantes e O Crocodilo, de Dostoiévski. Já a Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos que concentra o maior número de títulos em quadrinhos literários da editora e abarca clássicos do vestibular como: A cartomante, A causa secreta, O Alienista e Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Brás, Bexiga e Barra Funda, de Antônio Alcântara Machado, A Moreninha, de Joaquim Manoel de Macedo, O Ateneu, de Raul Pompeia, O cortiço, de Aluísio Azevedo, O triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, entre outros. Todavia, o título mais destacado do acervo é Primórdios da Literatura Brasileira, que não é uma adaptação literária, mas sim de uma versificação dos mais famosos documentos e fatos da colonização brasileira, perfazendo o conteúdo da Literatura de Informação Quinhentista.

Além dos títulos retirados da literatura canônica, a Editora Escala também organizou duas coleções que veiculam conteúdos de História: Coleção História do Brasil em Quadrinhos e Coleção História Mundial em Quadrinhos. Como se vê, a coleção traz versões em HQ de importantes eventos históricos e opera de modo similar às coleções de literatura, com base no pressuposto de que os quadrinhos são motivo de atração para jovens leitores. Da História do Brasil, foram lançados os seguintes títulos: A Guerra dos Farrapos, A Inconfidência Mineira, A Independência do Brasil e A Revolta de Canudos. Acerca da História Mundial, foram lançados: A Fundação de Israel, A Primeira Guerra Mundial, A Revolução Francesa e A Revolução Russa.

Tanto a coleção de literatura quanto a coleção de história

são notadamente voltadas para a formação intelectual e humana dos jovens. A intenção formativa se verifica na seleção de obras clássicas e na inclusão, nas adaptações, de outros textos que tratam dos autores e dos contextos originais de publicação, no caso da literatura, ou de textos que dissertam sobre fatos históricos, no caso das coleções que discorrem acerca da História.

Por sua vez, a Coleção Clássicos em HQ, da editora Peirópolis, conta com catorze títulos. Do acervo, merecem destaque: Divina Comédia em quadrinhos, adaptado da obra de Dante Alighieri, O Corvo em Quadrinhos, adaptado da obra de Edgar Allan Poe, Dom Quixote em Quadrinhos, adaptado da obra de Cervantes, Conto de escola em Quadrinhos, adaptado da obra de Machado de Assis, Os Lusíadas em Quadrinhos, adaptado da obra de Camões, e Demônios em Quadrinhos, adaptado da obra de Álvares de Azevedo.

A coleção da editora Peirópolis distingue-se pela qualidade das adaptações promovidas, resultado da configuração entre a seleção de artistas e textos clássicos que valoriza a aproximação com os textos originais ao mesmo tempo em que seus títulos exploram metáforas visuais que aludem à provocação das capacidades interpretativas de seus jovens leitores. A editora já obteve três títulos selecionados para o Programa Nacional Biblioteca na escola: Os Lusíadas em Quadrinhos, de Fido Nesti, Frankenstein em Quadrinhos, de Taisa Borges, e Dom Quixote em Quadrinhos, de Caco Galhardo, com tiragens que oscilam entre 20 e 30 mil volumes (RODRIGUES, 2014).

Além do cuidado com o aspecto gráfico das edições, da seleção de artistas relevantes para o contexto quadrinhista brasileiro, a coleção também merece ser destacada pela elaboração de material que constitui referencial teórico para sua composição. Disponibilizado na internet, o catálogo conta com trechos das obras da coleção, entrevistas com os artistas responsáveis e artigos que tratam da transposição da literatura para os quadrinhos e da valorização dos clássicos na contemporaneidade (BORGES, 2013).

Por sua vez, a coleção Grandes Clássicos em Quadrinhos, da editora Del Prado, conta com trinta e um títulos. Dentre eles, são dignos de nota: Germinal, de Émile Zola, Um conto de Natal, de Charles Dickens, Odisseia, de Homero, Os Miseráveis, em dois volumes, de Victor Hugo, e Viagem ao centro da Terra, de Júlio Verne.

A coleção conta com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco) em parceria com a Federação Internacional dos Professores de Literatura. Elaborada originalmente na França, conta ainda com a parceria da editora francesa Glénat. Na apresentação do acervo, a editora ressalta a preocupação com a proximidade das adaptações com os títulos originais, assim como a inclusão de ficha biográfica dos escritores originais, mas sem a apresentação dos artistas que trabalharam na adaptação, e uma seção complementar que trata dos contextos literário e histórico das obras selecionadas. Associe-se a essas características a intenção declarada de

oferecer títulos de baixo custo, com alta qualidade gráfica, característica que se assemelha a coleções literárias de grande alcance como a Coleção Vagalume, da editora Ática.

Diferentemente do padrão geral de propostas editoriais observadas no conjunto de coleções de adaptações literárias, a coleção Clássicos em Quadrinhos, da editora Ática, é voltada para leitores iniciantes, mais próximos às primeiras letras. A ênfase no tratamento visual e sintético dos originais, somados às técnicas de ilustração, aproxima as adaptações de clássicos ilustrados da literatura infantil da perspectiva editorial lobatiana (DE AZEVEDO; CAMARGO; SACCHETTA, 1997).

A mesma editora reserva ao público juvenil a coleção Clássicos Brasileiros em HQ. É nela que estão títulos mais recorrentes nos exames vestibulares e concursos públicos: O Ateneu, A Escrava Isaura, Dom Casmurro, O Alienista, Memórias de um Sargento de Milícias, Triste Fim de Policarpo Quaresma, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Noite na Taverna, O Guarani, O Quinze, e O Cortiço. Os livros dessa coleção têm indicação para os anos finais do Ensino Fundamental e estão listados na categoria Literatura Juvenil. A composição dos volumes da coleção, com suplemento de leitura e ficha biográfica do autor original, ratifica sua intencionalidade didática.

Na série Clássicos da Literatura em Quadrinhos, da editora L&PM, constam onze títulos. Todos eles também são integrantes da coleção Grandes Clássicos em Quadrinhos, da editora Del Prado. Esse alinhamento se deve ao fato de as duas coleções serem constituídas de traduções das mesmas adaptações francesas, da editora Glénat, para o mercado editorial brasileiro. Originalmente publicada pela L&PM, os direitos da coleção no Brasil foram licenciados pela editora Del Prado que ampliou o catálogo e o tamanho das edições. A ampliação do acervo associa-se ao direcionamento do público, uma vez que os títulos deixaram as livrarias e passaram a ser vendidos, periodicamente, em bancas de jornal, facilitando o acesso e ampliando ainda mais a distribuição da coleção.

Dentre as coleções aqui mencionadas, a da Editora Nemo é a única especializada nas adaptações de um único autor: William Shakespeare. A coleção conta com seis títulos, a saber: Rei Lear, Macbeth, A Tempestade, Romeu e Julieta, Sonho de uma noite de verão e Otelo. As edições buscam a manutenção da dramaticidade dos textos originais, característica essencial para a adaptação de tragédias shakespearianas.

Por fim, além das coleções elencadas até aqui, é digno de nota o trabalho de selos editoriais especializados que operam a produção de adaptações literárias para os quadrinhos. A *Desiderata*, por exemplo, selo da gigante Ediouro, já publicou adaptações de obras dos Irmãos Grimm, de Kafka, de Nelson Rodrigues e de Franklin Távora.

Outro selo digno de nota é o Barricada, da editora Boitempo. Apesar de não produzir coleções adaptativas, a publicação, no Brasil, de Cânone gráfico I – clássicos da literatura universal

em quadrinhos, organizada por Russ Kick, coloca o selo em relevo. A obra original, produzida pela estadunidense Seven Stories Press, fora publicada em 2012. Nela, desfilam quase cinquenta adaptações, ilustradas por diferentes artistas, que vão desde A epopeia de Gilgamesh, conhecida como a mais antiga narrativa da humanidade, até o livro do evangelista Daniel e o Dom Quixote, de Cervantes. Esse é o primeiro volume de três já publicados em língua inglesa, os volumes seguintes seguem ainda sem tradução brasileira.

As coleções aqui mencionadas não esgotam o universo das editoras, artistas e obras envolvidas nas adaptações literárias para os quadrinhos, nem chegam perto disso. Entretanto, a variedade de coleções e obras, tanto da literatura brasileira quanto da literatura estrangeira, já demonstra a recorrência de alguns clássicos que circulam adaptados em múltiplas versões. No caso brasileiro, além da obra máxima de Cervantes, é importante mencionar a presença constante das obras de Machado de Assis entre as mais adaptadas. Só Dom Casmurro já recebeu três adaptações distintas, pelas editoras Ática, Devir e Nemo.

É também de autoria original de Machado de Assis a mais celebrada adaptação literária nacional para os quadrinhos, O Alienista, elaborada pelos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá. A obra ganhou o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Didático e Paradidático de Ensino Fundamental ou Médio, em 2008, e foi selecionada para aquisição pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola, em 2009.

Conforme verificado, o cenário aqui exposto descortina uma grande variedade de obras adaptadas da literatura para a HQ. O aquecimento do mercado editorial em torno dos quadrinhos literários, evidenciado nessa breve listagem, aponta para o interesse do público nas adaptações, apoiado pelas políticas públicas de aquisição de acervos destinados às escolas públicas, centralizado nas ações do PNBE.

Noutro sentido, a variedade de títulos e adaptações acaba por sancionar escolhas mais precisas para o trabalho em sala de aula, considerando, aí, níveis distintos da educação básica no Brasil. Enquanto a maioria das coleções está pautada por questões que envolvem a formação de leitores, algumas delas já conduzem para o tratamento conteudista que caracteriza os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, por meio da inclusão de suplementos de leitura e fichas biográficas e contextuais.

Da observação do percurso histórico da HQ e do panorama que se abre à publicação de adaptações literárias em quadrinhos, é possível depreender que, há tempos, as histórias em quadrinhos não são exclusividade do universo infantil. Desde a *graphic novel* até o *hentai*, o universo da banda desenhada aborda toda sorte de temas e, como reflexo no seu plano estético, todo tipo de técnicas de ilustração e desenho (CHAGAS, 2008).

Essas características gerais evidenciam sua relevância cultural em meio à realidade digital que se impõe. Os

quadrinhos também exercem importante função no processo de formação de leitores. Para comprovar isso, basta lembrar-se das gerações de brasileiros que encontraram as primeiras letras nas revistas da Turma da Mônica. Dentre esses jovens leitores, muitos chegaram à literatura via histórias em quadrinhos. Tanto porque os quadrinhos são caracterizados de modo similar à arte clássica, quanto porque representam uma interseção de interesses similares que podem ser motivados para a formação pessoal, intelectual e humanizadora (FOGAÇA, 2002).

De um modo ou de outro, é truísmo dizer que as histórias em quadrinhos ocupam um lugar importante no desenvolvimento de hábitos de leitura e, por isso, mantêm-se como mercado editorial atrativo. Como verificado, o resultado mais recente da valorização da banda desenhada é a transposição de obras clássicas da literatura universal para versões em arte sequencial. De José de Alencar a Machado de Assis, de Edgar Allan Poe a Jack Kerouac, do Gênesis a *Os Lusíadas*, muita literatura já foi transformada em quadrinhos. A própria Turma da Mônica já versificou contos de fada tradicionais, aproximando a linguagem da tradição narrativa ao gosto contemporâneo. O pressuposto geral que motiva o interesse por essas edições é a crença de que as adaptações servem como mecanismo de acesso ao patrimônio cultural e histórico por meio da leitura, reforçando a linguagem escrita como forma de domínio sobre o mundo pelo conhecimento.

É nesse sentido que se opera a observação, a seguir, de três adaptações de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes.

2.3 O caso Dom Quixote

O Engenhoso Cavaleiro D. Quixote de La Mancha é um romance espanhol escrito por Miguel de Cervantes Saavedra. O livro narra as aventuras do fidalgo Alonso Quijano, leitor de romances de cavalaria que perde a sanidade e decide reviver a tradição cavaleiresca e trazer justiça ao mundo, sob a alcunha de Dom Quixote. Ele recruta um simples agricultor, Sancho Pança, como seu escudeiro, cuja única competência, de fato, era lidar com os discursos retóricos de Dom Quixote.

Originalmente publicado em dois volumes, em 1605 e 1615, Dom Quixote é considerada uma das obras mais influentes da literatura da Idade do Ouro espanhola e de todo o cânone literário espanhol. Como um trabalho fundador da literatura ocidental moderna e um dos primeiros romances canônicos, regularmente, aparece no topo da lista das maiores obras de ficção já publicadas –como na seleção organizada pelo Instituto Nobel em 2002, na qual a obra de Cervantes acabou por ser considerada o mais importante livro da literatura universal (PINILLA; OLIVEIRA, 2014).

A estrutura do romance é episódica. Está escrito no estilo picaresco do final do século XVI e faz referência a outros romances picarescos como *Lazarillo de Tormes* e o *Asno de Ouro* (CANAVAGGIO, 1958). O título completo é indicativo do objeto do romance. De acordo com o Dicionário eletrônico

Houaiss da língua portuguesa, versão 3.0 (2009), “engenhoso” significa, primeiramente, dotado de engenho, talento; que demonstra engenho, habilidade; criativo, inventivo, destro (HOUAISS, 2009) O campo semântico aponta para formas harmoniosas, característico do que é bem-composto e correto. Todavia, o sentido figurado para o termo indica alguém de grande imaginação; inventivo, fantasioso (HOUAISS, 2009). Contrastando as duas perspectivas, de acordo com a natureza literária do texto, o sentido metaforizado destoa.

Embora burlesco na superfície, o romance, especialmente em sua segunda metade, tem servido como uma importante fonte temática não só na literatura, mas também em grande parte da arte e da música ocidental, inspirando obras de outros artistas famosos, como o compositor alemão Richard Strauss e o pintor espanhol Pablo Picasso (FLORES, 2007). A personagem de Dom Quixote tornou-se tão famosa que o adjetivo “quixotesco” foi rapidamente adotado por outras línguas. Personagens como Sancho Pança e o cavalo de Dom Quixote, Rocinante, são emblemas da cultura literária ocidental, e a frase “lutar contra moinhos de vento”, para descrever um ataque descabido e fantasioso, deriva de uma cena icônica no livro.

Alonso Quijano é um fidalgo. Sua caracterização é bastante adequada à situação em que se posiciona o protagonista, depauperado e desprestigiado. O termo “fidalgo” remonta à aristocracia monárquica, e designa o estrato social caracterizado pelo estatuto nobiliárquico hereditário. Subentende-se que eram pessoas que mantinham títulos de nobreza de seus antepassados, ainda que não possuíssem bens ou prestígio. De acordo com o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 3.0 (2009), como adjetivo ou substantivo, a palavra significa que ou quem possui título de nobreza, herdado de antepassados ou concedido pelo rei; nobre, aristocrata, reiterando a perspectiva aristocrática do termo. Além disso, o fidalgo é aquele que denota generosidade, nobreza, liberalidade. Entretanto, o uso pejorativo da palavra aponta para o desprestígio e a percepção da classe na informalidade do convívio social, referindo-se a que ou quem é pretensioso, soberbo e que ou quem vive como nobre sem o ser (HOUAISS, 2009).

Os contrastes entre o alto, magro e idealista Quixote e o gordo, baixo e cansado Pança são uns dos destaques da obra, desde a sua publicação. Ao lado da expressão alienada de Quixote, essa é uma das reminiscências visuais mais evidentes da obra e reverbera em suas interpretações (WITEZE JUNIOR, 2011) O comportamento tresloucado de Quixote é alvo de piadas ultrajantes e cruéis no decorrer do romance. Mesmo Sancho, fiel e incauto, é forçado a enganá-lo em determinados pontos.

Ao explorar o individualismo de seus personagens, Cervantes ajudou a ultrapassar as estreitas convenções literárias do romance cavaleiresco e deu início à moderna prosa literária. A quebra desse padrão reside, fundamentalmente, na

introdução de elementos da prosa popular na estrutura épica, integrando os elementos compositivos do tradicional romance de cavalaria e das epopeias. O resultado desse arranjo estético é percebido na organização episódica da obra e na caracterização de um protagonista adequado ao cronotopo representado. Close (1982, p.12) aponta que Cervantes

expanded the scope of the comic fable, introducing into it types of subject-matter which one might expect to find in epic narrative, in political treatises, in descriptions of courtly masques, in the pastoral genre, and mixing all this and more with the comic fable's traditional ingredients – folk-tales, *burlas*, apophthegms, social satire, and so on.

Historicamente, a obra está em uma posição única entre o romance de cavalaria medieval e o romance moderno. Quando publicado pela primeira vez, *Dom Quixote* era geralmente interpretado como um romance cômico. Após a Revolução Francesa, era popular por sua ética central, na qual os indivíduos podem ter razão, enquanto a sociedade é a representação do desencanto e do desatino. No século XIX, o romance de Cervantes era visto como um comentário social. Muitos críticos passaram a ver a obra como uma tragédia em que o idealismo e a nobreza de Quixote são vistos pelo mundo pós-cavaleiresco como insanidade. A prova disso estaria no fato de que eles são derrotados pela realidade comum e, na hora da morte, o bom fidalgo demonstra sinais de que tinha retomado a consciência, como o apego repentino à religião (CALAVIA SAEZ, 2004)

Já por volta do século XIX, *Dom Quixote* passava a ocupar um espaço canônico como um dos textos fundadores da literatura moderna. Essa perspectiva permanece e se intensifica, tanto pelo volume de novas edições do romance, quanto pelas diversas adaptações que contribuem para a perpetuação do valor popular da obra de Cervantes.

Dentre elas, destaca-se a adaptação de *Dom Quixote*, traduzida pela editora Ática, apresentada e ilustrada por Marcia Williams. Integrante da coleção Clássicos em Quadrinhos, o despretensioso volume chama atenção pelo tamanho: são trinta e duas páginas, contando com os elementos pré-textuais. A edição original inglesa veio a público por meio da editora Walker Books Limited, em 1993, e a primeira edição brasileira foi publicada em 2004 e já conta com catorze reimpressões.

Assim como fizera com os mitos gregos, Williams deu vida nova a essa história tão familiar. O eufemismo característico do texto original, justaposto aos laivos humorísticos de um elenco peculiar, conduz a busca infeliz de Quixote para corrigir todos os erros e proteger todas as donzelas.

Embora a capitulação de Williams pareça adequada ao público pretendido pela edição, os mais puristas podem se opor, por princípio de defesa do texto canônico, à simplificação de um clássico tido como venerável origem da literatura moderna.

Nessa edição, a tradução brasileira ficou a cargo de Luciano Vieira Machado. Tradutor profissional, ele transitou por diferentes empresas, jornais e revistas, antes de se dedicar

às edições literárias. Premiado por suas traduções, merece destaque a distinção, na categoria “Tradução Criança”, do prêmio FNLIJ, de 2000, para a edição brasileira de *Em cima e embaixo*, de Janet Stevens, pela editora Ática.

Esteticamente, na HQ o cavaleiro da triste figura é apresentado como um bufão, enquanto luta contra moinhos de vento e confunde rebanhos de ovelhas com exércitos inimigos. Cena após cena, Quixote e Pança são maltratados, mas a resiliência que marca as personagens impulsiona-as para novas aventuras, episodicamente organizadas, que conduzem a narrativa.

O traço delicado nas ilustrações aquareladas de Williams remonta à sua experiência como professora, da qual se pode depreender o didatismo com que transpõe uma obra massiva, escrita ainda no século XVII, para um pequeno livro, com poucas dezenas de páginas.

A transposição do foco narrativo do original para a HQ não destoa, uma vez que o narrador heterodiegético é conhecedor da história sem, no entanto, participar dela. Assim, organiza-se a condução narrativa por meio da descrição das cenas, acima ou abaixo de cada um dos quadros que formam a adaptação. Esse arranjo é bastante adequado aos leitores mais jovens, pois apoia a condução do texto escrito nas ilustrações e permite a verificação dos sentidos expressos por meio do contraste entre a linguagem visual e a escrita. Ao mesmo tempo em que atuam como um facilitador da leitura, as descrições funcionam como aferição do conteúdo expresso em cada um dos quadros.

Aqui, é importante observar que essa adaptação não aborda os episódios da segunda parte da obra original; escolha adequada para uma versão infantil em quadrinhos pois deixa de lado a realidade depressiva que caracteriza a segunda parte do original. Noutro sentido, o livro deixa em aberto os caminhos do cavaleiro andante, com desfecho também em aberto, em conformidade com a imaginação fértil de crianças leitoras.

Como é possível prever numa adaptação tão sintética, a organização dos episódios da obra original perfaz apenas alguns dos eventos que marcam a história do cavaleiro andante. Prevalecem, então, os episódios mais marcantes: a transformação em cavaleiro como resultado da leitura excessiva de novelas de cavalaria, a batalha com os moinhos, monges e ovelhas, e a conquista do elmo de ouro. Esse pequeno número de episódios deixa declarado o distanciamento da adaptação de Williams com o original cervantino, todavia, ao mesmo tempo, também denota o direcionamento da obra a leitores primários. A maneira como o texto visual apoia a compressão do texto escrito reforça essa perspectiva.

Assim, é possível destacar que, no tratamento pedagógico da adaptação, elevam-se dois aspectos elementares da obra original, compreensíveis aos leitores mais jovens e universais sob a perspectiva da filosofia: a amizade intensa e verdadeira entre personagens tão distintas e o contraste entre a realidade e a fantasia.

Por sua vez, a adaptação traduzida pela editora L&PM, hoje licenciada pela editora Del Prado, foi, originalmente, publicada como parte integrante da coleção *Les Incontournables de la littérature en BD*, criada por Saad Houry e trazida a público pela editora francesa Glénat. Realizada com a ajuda da Unesco, a coleção foi confiada a Roger Brunel, que recolheu e organizou os clássicos a serem adaptados para os quadrinhos. Assim como outros volumes da coleção, a adaptação de Dom Quixote tem roteiro e adaptação sob a responsabilidade do escritor francês Philippe Chanoinat e Djian, e ilustrações de David Pellet. A tradução ficou a cargo de Alexandre Boide, famoso pelo seu trabalho na coleção Clássicos em Mangás, originalmente publicada pela East Press, do Japão.

A organização dos quadrinhos denota a similaridade com as *graphic novels* estrangeiras, pois está apoiada numa relação íntima entre os diálogos apresentados e o cenário que se depreende das ilustrações. As técnicas ilustrativas reforçam essa perspectiva e aproximam o volume dos quadrinhos de super-heróis que marcaram e ainda marcam o mercado editorial de HQ, representado, principalmente, pela DC Comics e pela Marvel, fundamentais para o desenvolvimento atual da banda desenhada.

Diferentemente da versão infantil da editora Ática, a edição da L&PM, tem nítido viés didático. Mais do que apresentar os personagens e episódios essenciais, aprofunda a composição episódica, reiterando os signos da obra original: a confusão e o humor que têm origem na loucura e na tristeza da figura epigonal da cavalaria andante. Nesse mesmo sentido, é importante ainda considerar, nessa adaptação, a inserção de seção breve acerca do contexto que envolve Cervantes e sua obra. Organizado por Agrippine Virgoulon, o paratexto dá ênfase à vida atribulada de Cervantes, entre as batalhas e o cativo, ao poder da questão religiosa no contexto em que a obra foi publicada e a sua categorização como primeiro romance moderno.

Na apresentação da coleção, a editora destaca o valor pedagógico do acervo, reiterado pelo apoio da Unesco à edição original francesa. Do mesmo modo, na descrição do produto, sobressai a intersecção entre a tradição literária e a linguagem multimodal dos quadrinhos.

A mais celebrada adaptação de Dom Quixote para os quadrinhos nacionais é, sem dúvida, a da Editora Peirópolis, parte integrante da Coleção Clássicos em HQ. Além da seleção para aquisição no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), edital de 2006, o título foi finalista do Prêmio Jabuti 2014, na categoria ilustração. Além disso, foi citada pela Revista Educar para Crescer como uma das melhores HQ para leitores com mais de dez anos de idade e indicada como Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), na categoria Tradução/Adaptação Jovem, em 2005. Também foi selecionada para os seguintes programas de leitura: Programa Nacional do Livro Didático de São Paulo (PNLD-SP), em 2006; Programa Mais Cultura da Biblioteca Nacional, em 2008; e Programa Salas de Leitura,

da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em 2009.

A versão em quadrinhos da Editora Peirópolis, equivalente à organização da obra original, foi publicada em dois volumes, sendo o primeiro em 2005 e o segundo em 2013. A tradução do texto de Cervantes é assinada por Sérgio Molina e transposta, sem versões, para os quadrinhos. É o trabalho de edição sintética do texto original que se encarrega da organização episódica na versão do desenhista Caco Galhardo. Destarte, a fidelidade ao texto original e os traços simples do ilustrador denotam uma preocupação estética que não se limita à intenção pedagógica notável nas demais adaptações e, paradoxalmente, amplia suas possibilidades de leitura, num movimento similar ao que ocorre no entredito dos clássicos literários.

A seleção dos episódios retratados considera sua significação no imaginário da modernidade. A famosa batalha com os moinhos de vento, por exemplo, se estende por dez, das quarenta e seis páginas do primeiro volume. Desse modo, por meio do apego ao texto original, acertadamente selecionado, os dois volumes do Quixote, de Galhardo, apresentam cenas nucleares do romance cervantino. O traço peculiar de Galhardo dá simplicidade aos quadrinhos, ao mesmo tempo em que se abre a experiências distintas na composição imagética, desde quadros em página cheia à reprodução *ipsis litteris* de duas páginas da obra de Cervantes, conforme a tradução de Sérgio Molina.

No posfácio ao primeiro volume, Galhardo expõe a influência direta que as ilustrações de Gustave Doré para a obra de Cervantes exerceram em sua adaptação. Doré criou quase quatrocentas ilustrações para o Dom Quixote no século XIX. Publicada em 1863, cada uma das gravuras está acompanhada do trecho da obra original de que faz figura. A versão ilustrada por Doré continha desenhos de personagens alinhados ao texto, quadros mais elaborados com descrições de cenas e gravuras de página inteira que retratam Quixote em companhia de seu fiel escudeiro ou de outras personagens. A representação de Doré para o cavaleiro da triste figura é a mais célebre na História da Arte e tornou-se quase indissociável do seu aspecto na modernidade. A referência direta à obra de Doré, verificável no decorrer dos volumes, dá profundidade nas relações intertextuais que a adaptação de Galhardo estabelece.

Diferentemente das outras adaptações observadas, que se destinam aos anos finais do Ensino Fundamental, a da Editora Peirópolis apresenta características, visuais e escritas, que a remetem à apreciação estética e ao trabalho pedagógico em níveis superiores. Além do Ensino Médio, não é difícil imaginar atividades em que essa adaptação pudesse ser utilizada também no ensino superior, tanto porque está pautada pela valorização da obra original quanto pela capacidade expressiva que a conecta às questões da modernidade.

2.4 Atualidade dos quadrinhos literários

Apesar da onipresença da imagem, a construção social ainda está centrada no universo da palavra. A intersecção entre

essas duas esferas revela a necessidade de novas competências de leitura, capazes de lidar com os textos multimodais que caracterizam a cultura de massa (BELLONI, 1998).

Desde cedo, somos estimulados ao contato com diferentes mídias. A interpretação torna-se fundamental num processo de formação de leitores que ultrapasse o senso comum de que ler é importante para a formação intelectual. A leitura deve estar acompanhada da perspectiva crítica que permeia a tomada de consciência acerca dos aspectos sociais que as mídias suscitam. Nesse contexto, a escola é, por excelência, o espaço do primeiro contato com as práticas de leitura (CHARTIER, 2007). É nesse sentido que se torna, também, responsável pela condução dos alunos desde as primeiras letras ao capital cultural e intelectual que se perpetua na escrita. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é necessário “trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes ‘para quês’: resolver um problema prático, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto” (BRASIL, 1996, p.54).

Os hábitos e as práticas de leitura são permeados, cada vez mais, pelas relações multimodais. Leem-se as obras de Dan Brown enquanto buscam-se na internet as imagens às quais elas remetem. Comparam-se os livros e as suas versões cinematográficas, buscando qual delas representa melhor a narrativa que propagam. Gráficos integram imagens ilustrativas e informacionais. Enfim, a multimodalidade é parte da cadeia discursiva que caracteriza o cotidiano. E é na escola que são desenvolvidas as competências básicas de leitura, fundamentais para interpretar e dar significado a diferentes objetos de cultura, incluindo aí os compostos da multimodalidade (KOCH; ELIAS, 2006).

Nesse contexto, as histórias em quadrinhos atuam, então, como um elemento de incentivo e introdução à leitura. O pressuposto de que as HQ contribuem para a formação de leitores é a base sob a qual repousam os programas governamentais de incentivo à leitura e os editais de aquisição de acervos para escolas como é o caso do PNBE (BAHIA, 2012).

A especificação de obras que façam a transposição dos clássicos da literatura universal para a linguagem dos quadrinhos nos editais do programa federal de aquisição de acervos literários a partir de 2006 movimentou o mercado de quadrinhos no Brasil. A criação de coleções que atendessem à demanda especificada nos editais é apenas um dos resultados mais imediatos desse processo. As coleções verificadas nesse trabalho abarcam um considerável número de obras da literatura universal e brasileira. Os catálogos disponíveis remetem ao academicismo na seleção dos títulos, seja porque representam a aquisição e a tradução de coleções estrangeiras seja porque consideram as competências exigidas nas avaliações da educação básica. Essa perspectiva já se verifica na denominação das coleções que eles integram, quando deixam evidente a restrição na adaptação de clássicos da arte escrita.

Nesse mesmo sentido, é preciso mencionar o número expressivo de obras da literatura nacional verificáveis nesses catálogos. Távora, Alencar, Azevedo, Machado – todos tiveram obras de sua autoria adaptadas para os quadrinhos. Isso exemplifica também o interesse dos artistas nacionais no filão, pois é com base na sustentação financeira que a aquisição governamental dessas obras permite que os artistas se dediquem a trabalhos autorais nos quadrinhos (VERGUEIRO, 2007).

As adaptações aqui observadas comprovam o pressuposto pedagógico que permeia essas iniciativas. Por meio da linguagem multimodal dos quadrinhos, as adaptações fazem a ponte entre os jovens leitores e o capital cultural que a literatura universal representa. Apesar de distintas em suas características estéticas, ilustrativas e editoriais, as edições denotam a intenção facilitadora que está adequada ao senso geral de hierarquia escrita, que recomenda, didaticamente, diferentes níveis de leitura para diferentes leitores. Por isso, quanto à linguagem, os três títulos observados constituem níveis distintos de adaptação. Numa ponta, a linguagem original de Cervantes na edição de Galhardo, na outra, a edição infantil de Williams.

Quanto à abrangência dos episódios da obra original contidos nas adaptações, é possível verificar que a edição do Quixote de Marcia Williams fica restrita ao primeiro volume da obra. Isso permite que a autora dê ênfase às características quase mágicas desses episódios, ainda que secciona, pelas ilustrações, a perspectiva das personagens do ponto de vista ensandecido do cavaleiro andante. Por sua vez, a edição adaptada por Djian perfaz um número maior de episódios e avança no segundo volume da obra original. Todavia, se chega à narração da morte do fidalgo Alonso Quijano, não dá luz à variedade de cenas do segundo volume. Por fim, a adaptação de Caco Galhardo abrange os dois volumes originais, com bom aproveitamento dos episódios da obra cervantina.

Quanto às ilustrações, a distinção entre as edições observadas dá indícios do direcionamento de público que é característico das coleções literárias em quadrinhos. Enquanto a edição de Williams está notadamente voltada para leitores principiantes, as edições de Djian e Galhardo transitam entre apreciadores da arte, jovens leitores iniciados nos quadrinhos e concorrentes dos exames vestibulares.

As possibilidades pedagógicas que as adaptações aqui observadas representam também estão associadas ao público a que são destinadas, pois respondem a competências de leitura, visuais ou escritas, de níveis diversos da educação básica. Se a versão de Williams encontra pouso em atividades voltadas para a formação humana, como o contraste entre a realidade e a fantasia, as edições de Djian e Galhardo são mais propícias ao trabalho com o contexto social e histórico, no caso do primeiro, e com as questões universais que permeiam a existência humana, discutidas filosoficamente, no caso do segundo.

3 Conclusão

Por fim, se há quem acredita que os quadrinhos são a resposta final para a falta de interesse dos alunos em literatura, existe também quem pensa que as adaptações literárias para os quadrinhos são mera facilitação para leitores afetados pela velocidade que marca a contemporaneidade. E, por isso, representariam uma desmoralização da cultura literária. Contudo, esse ponto de vista beletista destoa do plano geral que este artigo apresenta. As ações públicas, nesse sentido, são fundamentais, pois dão base para a produção de materiais cada vez mais bem elaborados e com o cuidado que clássicos da literatura merecem.

Conclui-se que a inclusão definitiva dos quadrinhos literários nas práticas de leitura do século XXI é parte do espírito do tempo que ele caracteriza. As adaptações do Quixote de Cervantes demonstram que a perpetuação desse objeto cultural, como tantos outros, perpassa a sua assimilação e transposição aos gêneros da modernidade.

Referências

AGOSTINI, A.; CARDOSO, A.E. *As aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883*. Brasília: Senado Federal, 2002.

DE AZEVEDO, E. *O Tico-Tico: cem anos de revista*. São Paulo: Via Lettera, 2005.

BAHIA, M. A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada. *Educação*, v.35, n.3, p.340-351, 2012.

BARBOSA, A.V.A. *Histórias em quadrinhos sobre a História do Brasil em 1950: a narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006

BELLONI, M.L. Tecnologia e formação de professores: rumo a uma pedagogia pós-moderna. *Educação & Sociedade*, v.19, n.650, p.143-162, 1998.

BÖHM, G. *Peter Pan para crianças brasileiras: a adaptação de Monteiro Lobato para a obra de James Barrie*. In: CECCANTINI, J.L (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

BORGES, R.F. *Clássicos em HQ*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

BRANCO, A.; GÓES, G. *O beijo no asfalto*. São Paulo: Nova Fronteira, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2012*. Brasília: MEC, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca na escola PNBE/2006*. Brasília: MEC, 2006.

CALAVIA SÁEZ, O. Moinhos de vento e varas de queixadas: o perspectivismo e a economia do pensamento. *Mana*, v.10, n.2, p.227-255, 2004.

CAMÕES, L.V. *Os Lusíadas*. São Paulo: Klick, 1999.

CANAVAGGIO, J-F. Alonso López Pinciano y la estética literaria de Cervantes en el “Quijote”. *Anales Cervantinos*, v.7, p.13-108,

1958.

CHAGAS, L.Z. Capitão América: interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos. *SINAIS Rev. Elet.*, v.1, n.3, p.134-162, 2008.

CHARTIER, A.-M. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Autêntica, 2007.

CIRNE, M. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. São Paulo: Vozes, 1972.

CLOSE, A. Cervantes’ arte nuevo de hazer fábulas cómicas en este tiempo. *Bul. Cervantes Soc. Am.*, v.2, n.1, p.3-22, 1982.

DE AZEVEDO, C.L.; CAMARGO, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*: Senac, 1997.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERNANDES, C.R.D. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: Eduel, 2007.

FLORES, C.N. *Da palavra ao traço: Dom Quixote, Sancho Pança e Dulcinéia del Toboso*. 2007. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FOGAÇA, A.G. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. *Rev. Prog. Educ. Corporativa*, v.3, n.1, p.121-131, 2002.

FRIDMAN, L.C. Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.6, n.2, p.353-375, 1999.

GALHARDO, C. *Dom Quixote em quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2005.

GAUTHIER, C. *Robison Crusoe*. São Paulo: Salamandra, 2009.

GÊ, L.; JAF, I. *O Guarani*. São Paulo: Ática, 2009.

GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HATTNER, A.L. Quem mexeu no meu texto? Observações sobre literatura e sua adaptação para outros suportes textuais. *Rev. Bras. Liter. Comp.*, n.16, p.145-155, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 3.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAF, I. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 2009.

JAF, I.; ROSA, R. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 2010.

GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KOCH, I.G.V.; ELIAS, V.M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KUPER, P. *A metamorfose*. São Paulo: Conrad, 2004.

LIN, J. *Domínio público: literatura em quadrinhos*. São Paulo: DCL, 2008.

LINARDI, A.B.A. Dom Quixote, Doré e Dalí: as relações entre literatura e pintura. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH/UNICAMP, 3., 2007. Campinas. *Anais...Campinas: Unicamp*, 2007, p.356-365.

LOBO, C. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 2010.

- MACDONALD, F. *Frankenstein*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- MONTUANI, D.F.B. Acervos de literatura chegam na escola? In: PAIVA, A. (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Unesp, 2012, p.77-110.
- NESTI, F. *Os Lusíadas em quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2006.
- PAIVA, A. Políticas públicas de leitura: pesquisas em rede. In: PAIVA, A. (Org.). *Literatura fora da caixa: O PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Unesp, 2012, p.13-33.
- PALLESTRINI, L. *Pinturas rupestres brasileiras*. São Paulo: Paestum, 1969.
- PINILLA, I. K. M.; OLIVEIRA, R. P. S. B. Dom Quixote e Florinda: heróis incompreendidos. In: ENCONTRO DA ABRALIC. UFPA/ABRALIC, 14, 2014. *Anais...* Belém, 2014. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434478855.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015
- RAMOS, P. Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa. In: BARBOSA, A. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, P. *A revolução do gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Dervir, 2012.
- RODRIGUES, M.F. Clássicos literários adaptados para HQ ganham espaço no mercado editorial. *Jornal O Estado de São Paulo*, 14 nov. 2014.
- SCHUMACHER, M. *Will Eisner: um sonhador nos quadrinhos*. São Paulo: Globo Livros, 2013.
- TAVARES, L.H.M.C. Gêneros e multimodalidade discursiva nas histórias em quadrinhos. *Prolíngua*, v.5, n.2, p.69-80, 2013.
- TEIXEIRA, L.G.S. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.
- VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- VERGUEIRO, W. A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público. *História, Imagem e Narrativas*, v.5, p.1-20, 2007.
- VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.
- WITEZE JUNIOR, G. Os muitos caminhos de Quixote: pluralidade de vozes e interpretação. *Rev. Memento*, v.2, n.2, p.213, 277, 2011.
- YAMAGUTI, V. As adaptações literárias em quadrinhos selecionadas pelo PNBE: soluções e problemas na sala de aula. *Olh@res*, v.2, n.1, p.441-459, 2014.